ISSN 1982-3541
Volume XVII no 3, 38 - 54

Revista Brasileira
de Terapia Comportamental
e Cognitiva

Treinamento para pais de adolescentes: Aprendendo conceitos comportamentais e práticas parentais para atuar na fase da adolescência

Training for parents of adolescents: Learning behavioral concepts and parenting practice to act in teenagers

Priscilla Monteiro Hernandes de Toledo ✉
Danila Secolim Coser

Faculdade Municipal Professor Franco Montoro - Mogi Guaçu-SP

RESUMO

O presente estudo teve como objetivo apresentar os resultados obtidos de um treinamento para pais de adolescentes. A coleta de dados se deu a partir de avaliações com dois grupos, sendo um grupo controle, outro experimental. Entrevistas pré e pós-treinamento foram realizadas através de questionário semiestruturado com 12 pais e também com seus filhos, sendo 15 o total. Oito sessões diárias, estruturadas, compuseram o treinamento no qual foram discutidas práticas parentais adequadas para lidar com o filho adolescente. Após as intervenções, mudanças relativas ao que foi treinado foram identificadas nas entrevistas finais, no grupo experimental, tanto nos pais como nos adolescentes. Os resultados permitem concluir que um treinamento voltado para pais de adolescentes vem a ser uma medida de intervenção válida para promover ambientes mais saudáveis para o desenvolvimento dos filhos adolescentes.

Palavras-chave: *adolescência; treinamento de pais; práticas parentais.*

ABSTRACT

The present study aims to present the results of training for teenager's parents. Data collection was from appraisal with two groups, an experimental one and a control one. Interviews, pre and after-tests, were performed using se-

✉ priscillamht@yahoo.com

mi-structured questionnaire with 12 parents and with their children, with 15 people as total. Eight structured daily sessions, all composing this training in which are discussed parenting practices appropriate to deal with teens. After the interventions, it was verified, meaningful changes related to the training, and those changes were identified in parents and teenagers also. It was concluded that training for parents of teens is a valid measure of intervention to promote healthier environments for the development of teenagers children.

Keywords: *adolescence; parental training; parenting practices.*

A adolescência é um período entre a puberdade e a idade adulta. As demandas ambientais da adolescência provavelmente levarão o indivíduo a uma busca de reposição dos reforçadores perdidos da infância, que poderá culminar em adaptação ou não (Abreu & Guilhardi, 2004). Assim, todas as transformações, sendo elas físicas e ambientais que envolvam esse período, podem trazer dificuldades de adequação, já que esta inevitável incursão num mundo novo envolve novas relações com o outro e consigo mesmo.

A Análise do Comportamento, enfoque desta produção, afirma que o homem é visto como um organismo que se relaciona ativamente com o ambiente (Skinner, 1979/2003). Dessa forma, é entendido que as práticas de um ambiente podem influenciar mudanças e, nesse sentido, as funções dos comportamentos das pessoas envolvidas poderão ser modificadas.

Abreu e Guilhardi (2004) apontam para as dificuldades apresentadas por adolescentes em seu repertório comportamental, como o aumento das exigências para obtenção de reforços positivos. Além disso, mudanças repentinas ou drásticas podem dificultar o fortalecimento de repertórios alternativos, devido a possíveis consequências produzidas por este ambiente, portanto exposição a outros ambientes além da família, como: mudanças de escola, novos colegas, convívio com novos parceiros conjugais dos pais separados, mudança de cidade, etc., de acordo com as consequências de cada ambiente, também podem interferir na variabilidade comportamental e dificultar a seleção de comportamentos que possam repor os reforços positivos perdidos na infância. É visto, então, que um ambiente preparado para receber e coerentemente reforçar os comportamentos desejados de adolescentes poderia ser um fator positivo na formação e desenvolvimento destes.

Ao considerar o ambiente como fonte de estímulos, é importante buscar as relações que existem no ambiente familiar. A família pode ser entendida como um sistema, composto de muitos subsistemas: mãe e filho, o casal e os irmãos. Ao mesmo tempo, a família é uma unidade que se relaciona com outros sistemas: vizinhos, organizações, igreja, instituições de saúde, escola, etc. (Galera & Luis, 2002). Considerando que as adaptações que surgem durante um ciclo de vida envolvem todos os componentes de um sistema, as tarefas da adolescência poderão ser facilitadas ou dificultadas pelo sistema familiar, pois a família é um sistema aberto em constante interação com o meio (Fonseca, 2004).

Neste contexto, a religião é algo que também merece atenção. Segundo Skinner (1979/2003), a religião é uma agência controladora que caracteriza comportamentos como bons ou maus, puros e impuros: portanto, pais que seguem uma religião devem-se atentar para não estabelecerem fronteiras inflexíveis no que se refere às novas experiências inerentes à adolescência.

Dessa forma, considerando a especificidade da adolescência enquanto período de adaptação a novas contingências ambientais é importante que a família esteja preparada para lidar com tais mudanças, podendo haver implicações em relação aos estilos e práticas parentais, que se referem ao modo como os pais conduzem um ambiente de promoção de valores, condutas, e técnicas utilizadas para este fim.

Weber, Prado, Viezzer e Brandenburg (2004) indicam que as práticas educativas parentais referem-se às estratégias utilizadas pelos pais para atingir objetivos de socialização, em diferentes circunstâncias e contextos. Já os estilos parentais referem-se a um padrão global, pois constituem o conjunto de atitudes dos pais que cria um clima emocional em que se expressam os comportamentos dos pais. O uso adequado de atenção, as explicações e as recompensas são exemplos das práticas educativas parentais positivas, enquanto a ausência de afeto, o relaxamento de regras estabelecidas e a punição inconsistente são exemplos de práticas educativas negativas (Gomide, 2006).

Bolsoni-Silva e Marturano (2002), ao fazerem estudos sobre práticas parentais e problemas de comportamento, apontam que dialogar com os filhos, evitar o uso de punições, privilegiando a utilização de recompensas aos comportamentos adequados, ignorar o comportamento inadequado, não dando atenção a ele, cumprir promessas, para que os filhos não se sintam enganados e aprendam a cumprir com a palavra, negociar e estabelecer regras para os filhos e participação de ambos os pais na divisão de tarefas educativas são comportamentos que colaboram na aprendizagem e socialização dos filhos.

Para Teixeira (2010), as definições sobre as práticas educativas parentais e estilos parentais dificultam a compreensão, como um processo comportamental, visto que não são especificados os três componentes de um comportamento (classe de estímulos antecedentes, classe de respostas e classe de estímulos consequentes) e as possíveis relações entre eles. Sendo assim, as práticas educativas parentais como estímulos antecedentes para o comportamento dos pais, por parte dos filhos, seriam: comportamentos adequados, bem estar, aumentar a frequência de ocorrência de um comportamento adequado, comportamentos inadequados e o desconforto em relação a eles suprimindo ou eliminando. A classe de respostas seria qualquer ação dos pais, cujo objetivo seja alterar (suprimir, eliminar ou aumentar) a frequência de um comportamento apresentado pelo filho. Já a classe de estímulos consequentes dos pais viria a ser o aumento da frequência de um comportamento adequado; diminuição da frequência de um comportamento inadequado; o aumento do bem-estar do pai diante de um comportamento adequado e a diminuição do desconforto diante do que é inadequado.

O conceito de estilos parentais, numa perspectiva comportamental, é considerado em conformidade com a literatura, de acordo a frequência de ocorrência de práticas parentais, e assim, estilos parentais podem ser identificados como comportamentos apresentados pelos pais com alta frequência e que podem ser agrupados em classes pelo critério de funcionalidade (Teixeira, 2010).

Salvador e Weber (2005) reforçam o papel dos pais no processo de aprendizagem e socialização de seus filhos, mas eles tornam-se pais sem que ninguém os tenha ensinado, e sendo assim muitos agem em função do que aprenderam, sem questionar sobre outras formas de educar. Bolsoni Silva e Marturano (2002) indicam que existe uma ligação entre práticas educativas e comportamento antissocial do filho, pois os pais estimulam esses comportamentos por meio de disciplina inconsistente, pouca

interação positiva, pouco monitoramento e supervisão. Os pais tendem a não ser contingentes no uso de reforços positivos para comportamentos pró-sociais e empregam frequentemente punições para comportamentos desviantes. Pesquisas relatam que a grande maioria dos pais entende que se não castigarem os filhos fisicamente estariam sendo omissos ou permissivos com a ação desobediente (Pinheiro, Haase, Del Prette, Amarante & Del Prette, 2006).

Por essa e outras razões, devem-se instrumentalizar os pais de forma que eles saibam estabelecer limites necessários com o mínimo de punições, prevenindo ou atuando na resolução de problemas sem prejudicar o relacionamento interpessoal dos filhos. Assim Weber et al. (2004) dizem que a intervenção com pais vem a ser um benefício para a sociedade em geral, já que as pessoas teriam possibilidades de se desenvolver em um ambiente familiar saudável.

Bolsoni-Silva e Marturano (2002) dizem que as intervenções promovem nos pais habilidades sociais educativas que reduzem comportamentos inadequados e aumentam os adequados. Considera ainda que promover estas habilidades nos pais é imprescindível à prevenção e redução de problemas de comportamentos, de forma a evitar dificuldades escolares, e de socialização, e prevenir a delinquência juvenil.

A busca da literatura realizada apontou que estudos sobre treinamento de pais de adolescentes é escasso no país, havendo mais pesquisas para o treinamento de pais de crianças. A eficácia de treinamentos voltados para pais de crianças na aquisição de habilidades sociais educativas é comprovada em estudos norte-americanos: Dishion e Patterson (1992) Webster-Stratton (1994) e brasileiros: Silva, Del Prette e Del Prette (2000) Salvador e Weber (2005).

Em relação a treinamento com famílias de adolescentes, Berri (2004) descreveu um treinamento no qual participaram cinco mães de adolescentes em conflito com a lei. Foram abordadas especialmente práticas educativas de abuso físico e monitoria positiva, pois inicialmente eram as principais dificuldades das mães. Um mês após ocorrido o treinamento, duas mães relataram que a relação entre elas e seus filhos tinha melhorado, além de indicarem novas formas de tratarem os problemas vivenciados por eles. Outra mãe, que inicialmente dizia não ter queixas da relação com o filho, indicou mudanças no que refere a discriminar sentimentos outrora não relatados no treinamento. As outras duas mães não mudaram seus comportamentos.

Mc Mahon (1996/2002) explica que a eficácia em treinamento para pais de adolescentes é menor, pois estes apresentam uma história de aprendizagem mais prolongada dos comportamentos inadequados, e têm normalmente um repertório mais amplo de "comportamento problema". Contudo, a dificuldade para intervir ou mesmo a possível indicação de resultados menos expressivos do que a intervenção com pais de crianças não podem ser suficientes para não se atuar em uma condição apresentada como problema.

Deste modo, este artigo tem por objetivo descrever e avaliar um treinamento de pais de adolescentes, elaborado para fornecer instrumentos de ação mais concreta e eficaz a fim de colaborar com o desenvolvimento de seus filhos. São perguntas a serem respondidas nessa pesquisa: a participação de pais adolescentes em um programa de ensino sobre a adolescência e habilidades parentais pode gerar mudanças nos relacionamentos familiares? Se sim, que mudanças acontecem? As mudanças acontecem tanto com pais como com os adolescentes? Quais os aspectos do programa contribuem para a formação dos pais?

MÉTODO

Participantes

Participaram da pesquisa oito famílias que frequentavam uma igreja evangélica. Quatro dessas famílias foram incluídas no grupo experimental e outras quatro no grupo controle. A caracterização das famílias de cada grupo é indicada pelas siglas FE para famílias do grupo experimental e FC para famílias do grupo controle, sendo seguidas por números (1,2,3,4) que indicam sua correspondência. A divisão dos grupos foi feita por disponibilidade de dias e horários de cada participante.

A formação de participantes para cada família do grupo experimental é: FE 1= pai, madrasta, filha; FE 2 = pai; FE 3= mãe e filho; FE 4= pai, mãe e dois filhos. Já para o grupo controle: FC 1= mãe e dois filhos; FC 2= pai, mãe e dois filhos; FC 3= pai, mãe e dois filhos; FC 4= mãe e um filho. Os pais e mães participaram efetivamente do programa de ensino e os filhos foram informantes das condições familiares antes e após o programa de ensino. O Quadro 1 apresenta as características das famílias do grupo experimental e do grupo controle.

Seleção dos participantes

Para o levantamento de assuntos em potencial para um treinamento de pais de adolescentes, foram entregues 50 questionários para as famílias que frequentavam a instituição religiosa e relatavam dificuldades no relacionamento com filhos adolescentes. Após uma semana, foram recebidos 20 questionários respondidos que relatavam interesse em participar do programa de ensino. Os pais que entregaram os questionários respondidos foram convidados para uma reunião na qual foi apresentada e explicada a pesquisa. Os pais que estavam presentes nesta reunião se organizaram entre si em relação à disponibilidade de tempo para participação do programa, então foi explicado que os grupos se chamariam experimental e controle de acordo com as finalidades da pesquisa. Ficou decidida então a divisão dos grupos, de acordo com a disponibilidade de dias e horários para início imediato do treinamento. Foi explicado que posteriormente ao grupo experimental seria realizada a intervenção com o grupo controle.

Ambiente

O programa de ensino e as entrevistas foram realizados na própria sede da instituição, no salão em que são realizadas as reuniões e cultos com os participantes da igreja. Durante o treinamento, a pesquisadora e os pais do grupo experimental ficavam sentados em cadeiras organizadas em círculo, e de acordo com as atividades de vivências.

As entrevistas com os grupos experimental e controle foram individuais e realizadas no mesmo local, que era organizado com duas cadeiras e uma mesa.

Aspectos éticos

O projeto foi enviado ao Comitê de Ética em pesquisa com seres humanos da Faculdade Municipal Professor Franco Montoro, de acordo com Resolução nº 196, de 10 de outubro de 1996 - **CAAE:** 04955712.3.0000.5425. O estudo foi realizado apenas com consentimento dos participantes. Além disso, a pesquisadora se comprometeu a manter sigilo da identidade deles; respeitar a vontade e o interesse dos pais em participar do estudo e interromper a pesquisa, além de informar os resultados obtidos.

Instrumentos e Procedimentos da Coleta de dados

A - Roteiro de Entrevista: Foram utilizados roteiros de entrevistas para os filhos adolescentes e para os pais antes e após o treinamento, para ambos os grupos. A entrevista era composta por 16 perguntas abertas sobre o comportamento dos pais com os filhos. Este instrumento investigou comportamentos como: perguntar sobre ami-

gos, gratificar comportamentos adequados, punir comportamentos inadequados, diálogo sobre drogas e sexualidade. As perguntas dos roteiros foram desenvolvidas pela pesquisadora e baseadas em práticas parentais descritas por Gomide (2006). As entrevistas pré-treinamento foram agendadas uma semana antes, e as entrevistas pós-treinamento aconteceram uma semana após o encerramento do programa de ensino, com os dois grupos. Todas as entrevistas foram individuais, sendo estimado o tempo de 20 a 30 minutos por participante.

B - Tarefas de Casa: Após cada sessão de treinamento com o grupo experimental, com a finalidade de obter informações sobre a aplicação dos conceitos comportamentais na rotina dos pais, uma tarefa de casa era passada aos pais para que realizassem em seu ambiente. As tarefas eram treinadas entre os próprios pais do grupo durante a sessão de treinamento. Neste momento, o comportamento dos pais era avaliado pela pesquisadora em relação ao desempenho, para que servissem de modelos uns para os outros. As tarefas indicavam observação e descrição de comportamentos adequados, emissão de reforços positivos, acordo de regras entre os familiares em relação a atividades cotidianas, emitir *feedback* para comportamentos inadequados, conversar sobre sexualidade e drogas. Os relatos sobre a realização ou não das tarefas eram solicitados no início da sessão posterior e uma discussão era aberta sobre o assunto em questão.

C - Relatório de Campo: Ao final de cada sessão de treinamento, a pesquisadora relatava em folhas de anotações os comportamentos observados, falas importantes de cada pai, participação do grupo, avaliações pessoais dos encontros, etc.

Procedimento de Intervenção

O programa de ensino foi elaborado pela pesquisadora e dividido em oito sessões de uma hora e meia cada, que ocorreram durante duas semanas, na segunda, terça, quinta e sexta, durante o período da noite. O conteúdo das sessões foi programado a partir das respostas obtidas nos 20 questionários recebidos no período da seleção dos participantes.

Os encontros foram organizados segundo o seguinte roteiro: inicialmente eram discutidas as tarefas de casa solicitadas na sessão anterior, a fim de verificar a ocorrência de eventuais alterações em casa (com exceção do primeiro dia onde não havia tarefa a ser feita); em seguida era apresentado o tema do dia. Abria-se para uma discussão sobre o tema a fim de permitir que os pais falassem de suas experiências e juntamente com a pesquisadora fizessem análises pertinentes aos seus próprios comportamentos, tais como: como estou perguntando ao meu filho sobre o que faz, com quem está e pra onde vai? Tenho oferecido *feedback* para os comportamentos adequados do meu filho? Há consequências para os comportamentos inadequados? Estas consequências são adequadas? Tenho falado com meus filhos sobre sexualidade?, etc. Nos seis primeiros encontros, episódios da série "Todo Mundo odeia o Chris" foram apresentados para que os pais pudessem observar as condutas adequadas e inadequadas de personagens do seriado. No dia em que foram abordados os temas sexualidade e drogas o filme "Minha vida de João", retirado da Internet, foi apresentado e discutido com os pais. Após o momento de discussão, uma atividade de vivência era aplicada. Entende-se vivência como uma atividade de modo análogo ou simbólico a situações cotidianas de interação social dos participantes, que mobiliza sentimentos, pensamentos e ações, com o objetivo de suprir déficits e maximizar habilidades sociais em programas de treinamento em grupos (Del Prette & Del Prette, 2002). A sessão era encerrada com a apresentação da tarefa a ser feita para o próximo dia. O Quadro 2 apresenta o conteúdo e sequência dos assuntos abordados nas sessões deste programa de ensino.

RESULTADOS

Dados obtidos junto às participantes nas entrevistas de Pré e pós Treinamento

As informações das entrevistas pré e pós-treinamento foram transcritas em um quadro e agrupadas em seis grupos referentes às categorias: 1. Monitorar positivamente o filho; 2. Elogios e gratificações; 3. Comportamentos morais; 4. Dar ordens e agradecer; 5. Expressar raiva; 6. Falar sobre sexualidade e drogas. Dados de observações da pesquisadora que fizeram parte do diário de campo também foram transcritos nas categorias pertinentes.

Os aspectos avaliados nas entrevistas com os responsáveis e filhos do grupo experimental e controle, bem como a observações da pesquisadora, feitas durante a pesquisa, são indicados no Quadro 3, em relação às mudanças relatadas (positivas ou negativas) e em relação à convergência de relatos dos pais e dos filhos para cada uma das categorias de análise proposta. A seguir seguem os relatos de mudanças que se referem ao grupo experimental.

Os dados da tabela permitem verificar que os pais participantes tiveram em seus comportamentos com os filhos adolescentes mudanças significativas no que se refere a valorizar repertórios comportamentais tidos como não muito importantes na entrevista inicial, como fazer elogios e agradecer favores feitos pelos filhos.

Sobre monitorar positivamente os filhos, perguntando sobre lugares a que vão e com quem estão, indicando comportamentos adequados e inadequados em relação a esta situação (categoria 1) e fazer elogios (categoria 2), os dados indicam que as quatro famílias apresentaram mudanças positivas, indicando que os pais passaram a dialogar mais com os filhos de forma adequada e os filhos adolescentes, a partir do treinamento, passaram a receber reconhecimento e gratificações por comportamentos adequados. Ensinar comportamentos morais (categoria 3) foi uma mudança observada em três das famílias participantes (FE1,FE3,FE4). FE2 não apresentou esta mudança provavelmente pelo fato de a mãe não permitir a participação de suas filhas, pois, sendo pais separados, ora a mãe permitia ao pai ver as filhas, ora não, e neste ponto específico do treinamento a mãe não permitiu às filhas estarem com o pai, sendo assim ele não conseguiu propor mudanças no que se refere a este tópico. Na categoria 4 (dar ordens e agradecer), as mudanças observadas estão nas famílias FE3 e FE4. FE1 e FE2 não apresentaram mudanças, já que se refere a comportamentos que se expressam no cotidiano com os filhos e eles não dispunham desta condição. Quanto a expressar raiva (categoria 5), as mudanças observadas estão nas famílias FE3 e FE4, e quanto a falar sobre sexualidade e drogas (categoria 6) foi observada a mudança positiva nas famílias FE1, FE3, FE4.

As entrevistas realizadas antes do treinamento permitiram conhecer as especificidades das famílias. FE1 tinha como particularidade não morar com os filhos. Casou-se novamente e os dois filhos ficaram por residir com a mãe e a avó. Foi observada certa omissão do pai em relação à educação dos filhos, visto ser a avó a pessoa que regia os comportamentos dentro da casa onde moram. A sua fala na entrevista inicial era de que: “não posso falar nada, porque é a avó quem manda”. Ele não sabia dizer o que os filhos faziam, quem eram seus amigos e se justificava dizendo que não achava que pudesse perguntar sobre isso, já que a avó controlava esses comportamentos. A questão religiosa nesse momento indica interferência, visto que o pai dizia “como somos evangélicos, temos que ter cuidado com o que dizemos e como dizemos, a avó é bem tradicional em relação à igreja, fica difícil interferir, ela não aceita que minha filha saia com suas amigas e que tenha namorado, acha que é pecado”. Também reve-

lou que não conversava com os filhos sobre sexualidade. Quando interrogado na entrevista final, sua fala evidenciou que houve discriminação de seus comportamentos quando disse que "Tenho perguntado mais à minha filha sobre o que ela tem feito, quem são seus amigos, e mesmo tendo sua avó ditando as regras, percebi que posso interferir sem escandalizar o nome de Deus, é só a gente saber como falar". Em relação a conversar sobre sexualidade disse:" Vi que preciso saber sobre sexualidade através do filminho que assisti aqui, agora estou lendo mais sobre isso também". Tanto o pai quanto a madrasta desta família nas entrevistas iniciais indicaram em suas falas que não elogiavam nem emitiam *feedback* em relação aos comportamentos adequados dos filhos. Ao término do treinamento, a madrasta disse "tenho falado sobre quando eles me ajudam nas tarefas de casa, quando estão conosco, digo que ficou ótimo e agradeço", disseram também que passaram a elogiá-los: "Dizemos a nossa filha que ela é uma boa aluna e que suas notas estão cada vez melhores". Também houve mudanças positivas nos comportamentos que se referem a ensinar comportamentos morais aos filhos, visto que inicialmente diziam "não nos envolvemos em certos assuntos porque a avó já os ensina" e, ao final, disseram que "queremos participar

Quadro 1.Caracterização das famílias integrantes dos grupos experimental e controle.

	Família		Idade	Escolaridade	Estado civil	Ocupação
Grupo experimental	FE1	Pai	43 anos	8ª série	Casado	Funcionário público
		Madrastra	50 anos	Ensino Fundamental Incompleto	Casada	Autônomo
		Filho 1	15 anos	Ensino Médio Incompleto	Solteira	Estudante
	FE2	Pai	43 anos	Ensino Médio	Solteiro	Autônomo
	FE3	Mãe	38 anos	Superior Incompleto	Solteira	Vendedora
		Filho 1	16 anos	Ensino Médio Incompleto	Solteiro	Estudante
	FE4	Pai	35 anos	Ensino Médio	Casado	Aposentado
		Mãe	41 anos	Ensino Médio	Casada	Do lar
		Filho 1	14 anos	Ensino Médio Incompleto	Solteiro	Estudante
		Filho 2	19 anos	Ensino médio	Solteiro	Estudante
Grupo controle	FC1	Mãe	39 anos	Ensino Médio	Casada	Costureira
		Filho 1	19 anos	Ensino Médio	Solteiro	Eletricista
		Filho 2	17 anos	Ensino Médio Incompleto	Solteiro	Estudante
	FC2	Pai	46 anos	Ensino Fundamental	Casada	Operador de Máquinas
		Mãe	46 anos	Ensino Médio	Casado	Diarista
		Filho 1	17 anos	Ensino Médio incompleto	Solteiro	Estudante
		Filho 2	19 anos	Ensino Médio	Solteiro	Desempregado
	FC3	Pai	42 anos	Ensino Médio	Casado	Chefe de seção
		Mãe	36 anos	Ensino Médio	Casada	Funcionário Público
		Filho 1	16 anos	Ensino Médio Incompleto	Solteiro	Estudante
		Filho 2	19 anos	Ensino Médio	Solteiro	Estudante
	FC4	Mãe	47 anos	Ensino Médio	Viúva	Diarista
		Filho 1	18 anos	Ensino Médio	Solteiro	Desempregado

mais de tudo que envolve nossos filhos". Sendo assim, a mudança percebida nestes pais foi em relação à participação mais ativa nos comportamentos dos filhos, o pai relatou "Eu sei que preciso me impor mais, e tenho buscado ler e conhecer mais sobre os assuntos deles pra poder interferir e ajudar". Sua filha na entrevista inicial indicou que eles não perguntavam sobre assuntos seus, e no momento em que se encontrou novamente com a pesquisadora disse "meu pai perguntou sobre meu namorado, ele me deu conselhos também".

Quadro 2. Estruturação das sessões do programa de ensino.

	Tema	Aquecimento	Vídeo	Vivência	Tarefa de casa
1	**Apresentação participantes e treinamento; Aprendendo a descrever os comportamentos; Importância do Reforço Positivo;**	Vivência Quebra-Gelo para aproximação dos participantes (Del Prette&Del Prette, 2002)	"Todo Mundo odeia lavanderia" "Todo mundo odeia o Chris"	Descrição dos comportamentos dos participantes numa folha de registros, identificando antecedentes e consequências.	Anotar comportamentos dos filhos em folha de registros, observando antecedentes e consequências.
2	**Conhecendo meu filho; Monitorando positivamente as atividades do meu filho adolescente**	Discussão sobreas habilidades sociais necessárias para poder saber sobre os assuntos dos filhos, entendendo as particularidades da adolescência.	"Todo Mundo odeia o Greg""Todo mundo odeia o Chris"	Pais relatam experiências de como seus pais os monitoravam em relação a sair com os amigos, lugares em que iam, horas a chegar em casa, etc.	No momento em que o filho sinalizar que vai sair com os amigos perguntar de acordo com as habilidades aprendidas; Indicar regras; Reforçar os comportamentos adequados.
3	**Comportamento Moral e a importância dos modelos na transmissão de valores morais.**	Discussão sobre ensinar aos filhos comportamentos morais como responsabilidade e senso de justiça.	"Todo Mundo odeia emprego temporário""Todo mundo odeia o Chris"	"O Escudo". Faz-se uma discussão sobre o que é o escudo e o que ele representa. Um desenho de escudo é dividido em quatro partes, nas quais os pais escrevem os valores morais que defendem. Em seguida é solicitado que cada participante falem sobre seu escudo.	Solicitar que o filho realize uma tarefa e indicar recompensa, usando contingências se... então...
4	**A importância da demonstração de afeto. Como dar ordens e ser ouvido**	Discussão sobre ensinar aos pais a importância de demonstração de carinho e como dar ordens.	"Todo Mundo odeia Gota" série "Todo mundo odeia o Chris"	Pais escrevem o que viveram na sua adolescência em relação a receber carinhos, elogios e como se sentiam. E em relação a terem que cumprir ordens, como era? Como as ordens eram transmitidas? Poderia ter sido melhor? Como?	Escrever uma carta demonstrando afeto pelo filho. Pedir umfavor ao filho, discriminando o momento certo e agradecendo na sua realização.
5	**Disciplinando adequadamente – uso de regras**	Discussão: Como disciplinar adequadamente? Como estabelecer, transmitir e fazer cumprir as regras?	"Todo Mundo odeia lavar a louça""Todo mundo odeia o Chris"	Pais listam regras para os filhos adolescentes bem como as consequências do cumprimento ou não das mesmas e depois leem para o grupo a fim de que todos colaborem com a execução da tarefa, identificando os acertos e exageros do grupo	Transmitir uma das regras feitas em grupo no treinamento ao filho, juntamente com as consequências de serem cumpridas ou não.
6	**Disciplinando adequadamente – o que fazer com comportamentos inadequados**	Discussão: Punição funciona? Quais sãos seus efeitos? Como reforçamos comportamentos inadequados? Deve-se emitir raiva? Como expressar raiva e pedir mudança de comportamento? Quais as maneiras adequadas de se demonstrar descontentamento sem agir com agressividade?	"Todo Mundo odeia o dia da Terra""Todo mundo odeia o Chris"	Recordar de situações quando adolescentes em que seus pais tiveram que puni-los. Como foram as punições? O comportamento alvo foi punido? Como se sentiram? O que aconteceu depois da punição?	Observar o comportamento do filho e diante de um comportamento inadequado emitir *feedback*, expressar o sentimento de raiva e pedir mudança de comportamento de acordo com as habilidades aprendidas.
7	**Falando sobre drogas e sexualidade**	Discussão sobre sexualidade do adolescente e uso de drogas.	"Hoje é dia de João" retirado da Internet	Pais em círculo em uma brincadeira de batata-quente passam um pacote de mãos em mãos. Ao parar a música abrem o pacote e retiram pergunta sobre sexualidade e drogas que deverão responder.	O vídeo passado na sessão é entregue aos pais para queeles criem um ambiente em que possam assistir com o filho e a partir disso iniciar uma discussão sobre o assunto.
8	**Encerramento-Devolutiva dos pais em relação aos seus comportamentos e dos filhos.**	Expectativas e medos quanto ao que se viverá a partir do treinamento.	Vídeo Motivacional retirado da internet.	Pais escrevem como se viam e como se veem a partir do treinamento, descrevendo os comportamentos que tinham e que agora têm. Indicam as mudanças que tiveram e que ainda precisam ter. Discute-se com o grupo o que foi escrito. Grupo emite *feedback* em relação ao que ouve.	Não há tarefas. Festa de encerramento com os pais.

O participante FE2 apresentava a mesma característica de não residir com as filhas devido à separação. Tinha três filhas que moravam com a mãe. Durante as entrevistas iniciais dizia não saber de muitos assuntos pertinentes às filhas por trabalhar muito e a antiga esposa não permitir que ele as visse, tanto que não permitiu que elas o acompanhassem nas entrevistas. Quando FE2 manifestou interesse pelo treinamento, pensou que se tratasse de orientações para casais, visto estar em um novo relacionamento; quando ficou sabendo que era para treinamento de pais de filhos adolescentes, não quis continuar e ficou apenas por insistência da namorada. A mesma fez parte do treinamento, sendo FE3, pois também tinha interesse no programa de ensino por ter um filho adolescente. Na entrevista inicial, F2 demonstrou não estar participando de muitos assuntos de suas filhas: "não sei de nada sobre minhas filhas, nunca soube, porque minha ex-mulher não permite". Disse, ainda: "não as elogio porque minha ex-mulher pensa que posso ter outras intenções com elas, não pude vê-las tomar banho quando nenê, ela não deixava". Entende-se que as contingências vivenciadas por este pai limitaram seus comportamentos

Quadro 3. Mudança de comportamentos relatados, direção (positiva ou negativa) das mudanças e convergência de relatos pais e filhos (entrevistas iniciais e finais), em relação aos grupos experimental e controle.

	Grupo Experimental								Grupo Controle							
	FE1(pai,madrasta,filha)		**FE2** (pai)		**FE3** (mãe e filho)		**FE4**(pai,mãe,filhos)		**FC1**(mãe, filhos)		**FC2**(pai,mãe,filhos)		**FC3**(pai,mãe,filhos)		**FC4**(mãe,filho)	
	Mudança	Converg	Mudança	Converg	Mudança	Converg.	Mudança	Converg.	Mudança	Converg	Mudança	Converg.	Mudança	Converg.	Mudança	Converg
Monitorar positivamente	*	C	*	Não aplica	*	C	*	C		C		C		C		C
Elogios e Gratificações	*	C	*	Não aplica	*	C	*	C		C		C		C		C
Comportamentos Morais	*	C		Não aplica	*	C	*	C		C		C		C		C
Dar ordens e agradecer		Não aplica		Não aplica	*	C	*	C		C		C		C		C
Expressar raiva		Não aplica		Não aplica	*	C	*	C		C		C		C		C
Falar sobre sexualidade e drogas	*	C		Não aplica	*	C	*	C		C		C		C		C
Totais	4	4	2	0	6	6	6	6	0	6	0	6	0	6	0	6
Mud. Positivas	4		2		6		6		0		0		0		0	
Mud. Negativas	0		0		0		0		0		0		0		0	

legenda: * (mudanças positivas)
C (convergência de relatos)

em relação a suas filhas, como demonstração de carinho, por exemplo. Nas entrevistas finais, ele indicou: "tenho ligado pra elas todos os dias, vejo necessidade de falar com elas". Relatou também: "que bom que participei, agradeço seu trabalho, me abriu os olhos. Eu ainda não faço muita das coisas que você falou, mas já ligo pra elas todos os dias e vou buscá-las esse fim de semana pra ficarmos juntos". FE2 também relatou que ao ligar para as filhas, tem feito elogios: "Digo a elas que são bonitas e que são filhas adoráveis". Esses relatos do pai foram comprovados pela responsável da instituição que indicou mudança em relação a estar mais próximo das suas filhas. Não há relatos de suas filhas, pois as mesmas não foram autorizadas pela mãe para participarem das entrevistas. Como dito, FE3 também era separada do marido e vivia com o filho na casa de seus pais. Apesar de ser namorada de FE2, participaram do estudo como sendo cada um, uma família. Sua dificuldade foi demonstrada em relação à influência de seus pais na sua conduta com o filho. FE3 demonstrou que é muito próxima do filho e que gostaria de melhorar seus comportamentos: "percebo que mesmo não querendo, muitas vezes estou agindo como meus pais. Não quero isso", foi seu relato inicial. Seus comportamentos em relação ao que o treinamento pretendia aplicar já eram, em sua maioria, realizados pela participante. A mesma disse na entrevista inicial "tive dificuldades com meus pais, eles não conversavam comigo, só davam ordens e por isso já me comporto diferente com meu filho". O filho desta participante relatou "me dou muito bem com minha mãe, ela sempre me ouve". Durante as sessões e as discussões, FE3 sempre se colocava reforçando as falas da pesquisadora e indicando seus comportamentos em relação ao que se transmitia. Pode ser observado um aprimoramento de seus comportamentos. A mesma percebeu a importância de se impor na relação com seus pais, e após o treinamento disse: "Eu sou muito grata a eles, e sei que eles podem muito me ajudar, mas também sei que não posso aceitar tudo o que eles falam, porque não é o que penso hoje. Fui estimulada pelo treinamento a valorizar meus conhecimentos em relação ao meu filho, eu sou a mãe, sei o que é melhor pra ele". Sobre observar os comportamentos adequados de seu filho e reforçá-los, FE3 disse que: "Já fazia isso, mas agora tenho feito mais, vejo como ele gosta disso através de seu sorriso", e sobre esse ponto o filho disse "Minha mãe, tem me elogiado". FE3 disse que também estava contingenciando os comportamentos de seu filho em relação à escola, pois as notas dele não estavam boas. O filho comprova em seu relato na entrevista final a atitude da mãe: "minha mãe até me disse que vai me dar um vídeo-game melhor, um X-Box, se eu passar de ano, ela já tem visto que eu estou melhorando". Como explicitado em relação ao seu interesse inicial por este programa de ensino, FE3 não indicava dificuldades no trato com seu filho adolescente, contudo os resultados indicam uma maior confiança em si sobre o que vinha fazendo. Já para FE4, a dificuldade apresentada nas entrevistas iniciais eram referentes ao filho mais velho, pois ele tinha comportamentos que os pais não entendiam. Foi dito antes do treinamento pelo pai: "Não entendemos, ele fica muito calado, não conversa com a gente, se a gente pergunta coisas pra ele, ele não responde, chega do trabalho dele, entra no quarto e fecha a porta e lá ele fica". A mãe também disse "Meu marido tem muitos problemas com nosso filho mais velho, eles não conseguem conversar e então meu marido não consegue segurar e já grita com ele". O filho em questão, na entrevista com a pesquisadora, indicou a dificuldade de ter um momento seu, "não posso ficar quieto, que meu pai já quer saber por quê, e quando não quero conversar ele se incomoda". Quando interrogados sobre fazer elogios e falar sobre os comportamentos adequados dos filhos, tanto o pai como a mãe da FE4 disseram: "já fazemos tudo isso". Quando foi questionado sobre a punição física, o pai relatou ter comportamentos agressivos como gritos, xingamentos e em algumas situações punição fí-

sica: "Sou muito nervoso, quando vejo já falei o que não devia. Não costumo bater, mas quando fico nervoso, acabo batendo". Na sessão 6 do treinamento, foi explicado sobre os efeitos e consequências deste tipo de correção, este pai não concordou com o que estava sendo falado e disse "eu apanhei e nem por isso me tornei uma pessoa ruim". Foi levantada para este pai a necessidade de que ele se lembrasse dos sentimentos que este tipo de comportamento trazia quando ele adolescente apanhava, e ele chorou ao se lembrar do quanto foi ruim.

Na 6ª sessão do treinamento, foram apresentadas maneiras de melhor consequenciar um comportamento inadequado. Na entrevista final, os FE4 se manifestaram dizendo que conseguiram conversar mais do que gritar com os filhos, e de acordo com a mãe "Eu não parava pra escutar, eu já gritava de uma vez, pra poder repreender e hoje estou olhando mais nos olhos deles e ouço suas justificativas. Vi que o diálogo pode ajudar mais do que os gritos". Já o pai disse: "A minha relação com meu filho mais velho mudou uns oitenta por cento, ele não conversava comigo, agora mesmo tendo só uma semana depois do treinamento, ele me procurou pra conversar. Ele chegava do serviço e deixava a porta do quarto fechada agora a porta dele tem ficado aberta, sei que isso é função de ter melhorado meu jeito de falar". Esses relatos foram comprovados pelo filho que escreveu uma carta para a pesquisadora dizendo que "as relações com a minha mãe são boas, apesar de algumas coisas, mas com meu pai era muito difícil, e assim que as semanas de treinamento começaram nitidamente meu pai é uma outra pessoa. Ele não grita mais, agora está conversando, tem tido paciência quando eu não quero conversar, realmente este trabalho nos ajudou muito". Ao entrar na sala para a entrevista final, a mãe da FE4 chegou dizendo "já estou com saudade do treinamento". Esses relatos exprimem o valor atribuído por esses pais ao momento das sessões que aconteceram neste programa, e que as relações desgastadas pela falta de repertórios de comportamentos adequados minam a capacidade que eles têm de demonstrar amor e educar com a firmeza necessária e adequada nesta fase do desenvolvimento.

Pode ser verificado, também no Quadro 3, que não houve mudanças nas entrevistas iniciais e finais para o grupo controle. Contudo, as entrevistas e videnciaram dificuldades dos pais em relação aos filhos adolescentes.

Em FC1 participou apenas a mãe, pois o pai não se interessou. A mãe relatou na entrevista inicial "não consigo falar com meus filhos, só gritando pra eles me ouvirem". Os filhos também na entrevista inicial confirmaram este dado "Minha mãe só sabe gritar, ela chega do trabalho gritando com a gente pra ajudar ela no serviço de casa". Na entrevista final FC1 indicou que ainda mantinha o mesmo comportamento de gritar "eles não me ouvem se não for assim gritando", fato que os filhos comprovam em seus relatos dizendo que "ela não tem paciência de esperar a gente cumprir as ordens que ela dá, quer tudo na hora, então grita com a gente". Na família FC2, pai e mãe participaram das entrevistas iniciais e finais. Relataram ter muitos problemas com o filho mais velho: "parece que ele faz as coisas de pirraça, só pra deixar a gente nervoso". A mãe chorou durante a entrevista e questionava: "Parece que é só com a gente, porque com os outros ele se dá bem, as pessoas elogiam ele pra mim, mas com a gente lá em casa é tão diferente, queria poder ter um contato mais agradável com meu filho". *S*obre isso o pai relatou: "não aguento mais meu filho, acho que o odeio, sei que é errado falar assim, mas odeio, gostaria que algo acontecesse com ele de ruim, pra que ele pudesse ver que a gente tem razão no que fala". Na entrevista inicial do filho, houve convergência nos relatos, pois ele disse "com minha mãe até que é melhor, mas com meu pai não dá, ele grita muito, é agressivo, não fala nada de bom que a gente faz, só vê o ruim". Na

entrevista final os relatos permaneciam os mesmos, não houve alterações nos comportamentos dos pais em relação ao filho. A mãe chorou e disse "não sabemos mais o que fazer", o pai também indica "não aguento mais, já falei pra ele pegar as coisas dele e ir embora". Entende-se que exista nesta relação um desgaste que não permite mudanças nos comportamentos, sem que houvesse uma intervenção especializada. FC3 disseram que o interesse no programa seria pra entender mais os comportamentos adolescentes: "não entendo quando meus filhos ficam muito quietos, não querem conversar sobre os assuntos deles". Um dos filhos na entrevista indicou "meus pais são legais, mas não falo com eles sobre meus assuntos, não gosto". Há que se observar certa omissão do pai em relação a conversar com os filhos sobre sexualidade: "não consigo falar com eles sobre isso, um pouco só com o menino, mas com a menina não". Nas entrevistas finais, os comportamentos se mantiveram, sem nenhuma mudança em relação ao que se investigava. FC4 disse ter um bom relacionamento com seu filho: "ele me obedece e conversamos sobre tudo", e o filho nos relatos iniciais também indicou ser boa a sua relação com a sua mãe "não vejo problemas entre minha mãe e eu". Nas entrevistas finais, seus relatos foram os mesmos, sem alterações comportamentais tanto na mãe quanto no filho.

DISCUSSÃO

Uma intervenção feita com pais é, segundo Weber et al. (2004), um processo de preparar os pais com habilidades e conhecimentos específicos que lhes permitam promover um desenvolvimento adequado de seus filhos. Este programa de ensino permitiu que se corroborasse a premissa de que alguns pais precisam ter acesso ao conhecimento de práticas educativas que sejam eficazes para criar e manter um repertório de comportamentos adequados, por muitas vezes não saberem como agir em determinadas circunstâncias, ou por acreditarem estar agindo certo, pois foram educados da mesma forma. Alguns pais, segundo Pinheiro et al. (2006), defendem a ideia de que se deve disciplinar os filhos, e que, se não o fizerem de modo severo, os filhos não internalizarão os valores sociais da comunidade em que vivem. Um dos pais participantes (FE4) se posicionou exatamente como a literatura indica, manifestando ser favorável à punição física como parte da educação dos filhos, visto ter sido um adolescente que sofreu punição física e ainda assim se tornou uma pessoa com comportamentos adequados. Esta afirmativa indica quão relevante pode ser um trabalho com pais de adolescentes, visto a complexidade desta fase do desenvolvimento e a deficiência de habilidades para lidar com algumas situações, como as manifestações de divergências de opiniões dos filhos. Weber et al. (2004) indicam que pode haver incompatibilidades de comportamentos e percepções, ou seja, a visão que o filho tem dos comportamentos dos pais muitas vezes difere da real intenção que os pais tinham ao manifestar aquele comportamento. Neste estudo, pelos relatos dos filhos, as perguntas dos pais eram compreendidas por estes como formas de invadir seu espaço, enquanto os pais diziam existir uma preocupação em saber o que o filho faz. Foi possível perceber que a falta de repertórios adequados para conversar com os filhos fazem com que estes se sintam invadidos ao serem questionados. De acordo com Wagner, Carpenedo, Melo e Silveira (2005), nesta fase a família já não é mais o centro das atenções, sendo comum que o adolescente apresente mais questionamentos e contestações às regras, fato que se faz importante para o desenvolvimento de seu repertório individual, o que muitas vezes não é compreendido pelos pais.

Nesse sentido, a flexibilidade das fronteiras familiares é importante para que os pais se integrem ao movimento de independência dos filhos. A religiosidade, particularidade da amostra desta pesquisa, muitas vezes pode dificultar o processo de flexibilizar as fronteiras que exis-

tem entre os adolescentes e o ambiente que os cerca. Foi discriminada a dificuldade em aceitar outros grupos de amigos dos filhos que não os da própria crença, visto a ocorrência de juízos de valores. Como já referido, se não houver aberturas das fronteiras existentes entre o adolescente e o seu ambiente, os comportamentos que são tidos como puros e impuros por esta agência controladora desencadearão resistências maiores em relação às regras estipuladas. Uma das preocupações da pesquisadora era que a religiosidade do grupo poderia dificultar o processo de aceitação do tema sexualidade. A expectativa foi superada, tendo entendimento e uma discussão adequada sobre o assunto, permitindo que observassem a importância do diálogo com seus filhos neste tema. Almeida e Centa (2009) indicam que os pais devem rever suas atitudes ante os questionamentos dos filhos sobre a sexualidade, deixando preconceitos e estereótipos construídos a partir da história de vida, pois a dificuldade em desvencilhar-se disso pode impossibilitar um diálogo franco e aberto, e não permitir entender as manifestações presentes de uma sexualidade aflorada própria da fase da adolescência. Foi considerado que fazer a discussão do vídeo baseado nas peculiaridades da adolescência e transmitir informações sobre sexualidade por meio de desenho animado favoreceu a aceitação, permitindo que não houvesse choque entre a crença religiosa e as informações nele contidas.

Para que se treinassem habilidades necessárias para mudanças no repertório de comportamentos inadequados em relação aos filhos adolescentes, durante o programa de ensino foi sugerido que os pais, através da técnica de role playing, pudessem se comportar e posteriormente aplicar no ambiente o conteúdo vivenciado. Pontes (2009) faz referências em que o principal papel do terapeuta comportamental consiste em arranjar contingências para o cliente aprender novas habilidades a fim de se relacionar com o ambiente de maneira mais efetiva. A autora indica que o valor de um estímulo reforçador pode ser generalizado para outros estímulos com propriedades similares. Isto implica que a semelhança de estímulos facilita que comportamentos já aprendidos possam ocorrer novamente. As tarefas de casa e as intervenções utilizadas foram formas de promover a generalização do comportamento. Contudo, no presente estudo, não houve a participação dos pais no que se refere a cumprir com as atividades de tarefas de casa. Sob esta perspectiva, Pinheiro et al. (2006) dizem que alguns pais ficam desconcertados ao se confrontarem com uma alternativa diferente, em que lhes é proposto o desafio de modificarem o seu próprio comportamento. Em outros treinamentos (e.g., Coser, 2011) as de tarefas de casa que eram indicadas pela pesquisadora também não foram realizadas por alguns participantes. Foi percebido que dar tarefas de casa pode ter sido visto pelos pais como mais uma responsabilidade a se ter, levando em consideração o tempo que tinham de um dia para o outro para sua realização e as dificuldades inerentes à realização de novos comportamentos. Marturano (1999) faz um alerta indicando que nos casos em que coexistem eventos de vida adversos e sobrecarga dos pais, não basta informar a família quanto às maneiras adequadas de se comportarem, uma vez que isto pode significar apenas acrescentar responsabilidades.

Além disso, algumas das dificuldades dos pais para intervir na situação real, após serem submetidos às condições de ensino, podem estar ligadas ao fato de não conviverem diariamente com os filhos, por estarem separados do outro genitor, conforme ocorreu com FE1 e FE2. Ainda que as diferentes constituições familiares não fossem um critério de investigação desta pesquisa, é relevante atentar para a situação de pais de adolescentes separados, visto ter sido esta uma característica de três famílias participantes (FE1, FE2 e FE3). Wagner, Ribeiro, Arteche e Bornholdt (1999) indicam que a pas-

sagem de um modelo de família a outro exige de seus membros uma adaptação às mudanças de relacionamento, estrutura familiar e às demandas do mundo externo, mas apesar disso o processo de reestruturação da família não é, por si só, desencadeador de conflitos. A plasticidade das relações no núcleo familiar pode gerar recursos promotores de saúde e, em muitas ocasiões, um padrasto pode substituir, de forma satisfatória, a figura de um pai ausente. Partindo destes supostos, é visto que as dificuldades de funcionamento familiar não estão necessariamente associadas à sua composição, mas às relações que se estabelecem entre os seus membros. Assim, acredita-se que o problema para os participantes desta pesquisa não era o fato de estarem separados do relacionamento que gerou os filhos. O que se entende é que as relações por si já produziam desgastes que a separação pôde amenizar. A nova formação da família com madrasta e padrasto também não foi fator desencadeante de conflitos dos adolescentes, pois aqueles emitiam comportamentos adequados com os enteados, contudo a ausência de comportamentos destes pais na vida dos filhos adolescentes parece ser o real problema deste questionamento, como pode ser observado em FE1 e FE2.

Uma pessoa é parte inseparável de seu ambiente, podendo modificar e sendo modificado a partir de seus comportamentos. Assim sendo, a premissa de que um trabalho de intervenção com pais de adolescentes pode ser dificultada pela história de reforçamentos já experimentadas é compreendida. Portanto, é indicado por Weber et al. (2004) que um trabalho de orientação para pais é de extrema importância, seja qual idade seus filhos tiverem, pois pode implicar um melhor desenvolvimento de crianças, que chegarão à adolescência e que por sua vez serão os pais de amanhã, atingindo assim outras gerações. Berri (2004) discute a relevância de treinamento para pais de adolescentes, indicando que a intervenção deve ser feita simultaneamente com os adolescentes para que haja melhores resultados. No presente estudo, as diferenças nos relatos das famílias do grupo experimental antes e após o treinamento, bem como a comparação com os relatos do grupo controle, permitem afirmar que o treinamento foi o responsável pela modificação dos comportamentos relatados pelos participantes. A obtenção das convergências dos dados dos filhos com os dos pais permite, ainda, hipotetizar que as mudanças indicadas pelas famílias realmente parecem ter sido aplicadas no ambiente natural.

CONCLUSÃO

Este treinamento de pais, voltado para aquisição de repertórios comportamentais mais eficazes, buscou relatar uma experiência de mudança de comportamentos dos pais em relação aos filhos, a fim de que entendessem a especificidade desta fase do desenvolvimento. Foi percebido que este programa de ensino pode colaborar para mudanças nas relações familiares. As mudanças dos pais foram contingências importantes para que os filhos pudessem discriminar e adquirir mudanças em seus comportamentos, como relatou a responsável pela instituição após o treinamento. É visto que o tempo de treinamento para mudanças consistentes tenha sido pequeno, contudo é possível perceber que a intervenção obteve resultados positivos, não só por relatos, mas também por comportamentos observados pela pesquisadora, no trato com os pais durante as entrevistas finais.

É comumente verificado que a adolescência é uma fase que atrai da sociedade um olhar místico de problemas intermináveis, conflitos com os familiares e confusão a respeito de si e do seu ambiente. Neste sentido, um treinamento para pais de adolescentes pode colaborar para que eles conheçam mais esta fase, não atribuindo aos filhos a inteira responsabilidade sobre os comportamentos inadequados. Os vídeos apresentados e as vivências uti-

lizadas promoveram nos pais a discriminação de serem parte do ambiente que poderia estar colaborando para inadequações comportamentais dos filhos e este vem a ser um aspecto relevante, já que a regra trazida por este grupo era de que a adolescência por si só seria o problema. Apresentações de técnicas comportamentais, baseadas na Análise do Comportamento, vêm a ser outro aspecto de relevância para eficácia deste treinamento.

Para as próximas aplicações deste programa de ensino, é sugerido que haja no momento da escolha dos participantes o critério de serem pais que residam com seus filhos, sendo essa uma das limitações do presente estudo. Há que se considerar também aumentar o tempo entre uma sessão e outra, a fim de permitir que os pais pratiquem as orientações discutidas no programa. Além disso, para trabalhos futuros dentro desta perspectiva, pode-se investir em grupos com os filhos adolescentes que, concomitantemente aos dos pais, possam receber orientações para melhores adaptações ante a fase da adolescência. Atividades que reúnam os próprios filhos adolescentes com os pais também vêm a ser uma possibilidade de atuação. Pode-se investir, também, em trabalhos preventivos para famílias que não apresentam dificuldades com os filhos adolescentes, mas que se interessam por ter conhecimentos que lhes servirão de instrumento para melhores adaptações ante as mudanças que são inerentes ao ser humano.

REFERÊNCIAS

Abreu, C. N. & Guilhardi, H. J. (2004) Terapia Comportamental e Cognitivo-Comportamental: Práticas Clínicas. Em M. B. B. P. Madi (org.) Reforçamento Positivo: Princípio, aplicação e Efeitos Desejáveis. 1ª Edição, pp 41-54. São Paulo: Roca.

Almeida, A.C.C.H. de. & Centa, M. de L. (2009). A família e a educação sexual dos filhos: implicações para a enfermagem. *Acta Paul Enferm, 22*, 71-76.

Berri, G. C. (2004). Programa de intervenção em práticas parentais para mães de adolescentes em conflito com a lei. Dissertação de mestrado - Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Infância e da Adolescência, Universidade Federal do Paraná, Curitiba-PR.

Bolsoni-Silva, A. T. & Marturano, E. M. (2002). Práticas educativas e problemas de comportamento: uma análise à luz das habilidades sociais**.** *Estudos de Psicologia*, 7, 227-235.

Coser, D.S. (2011). Promoção de Comportamentos de estudo em crianças – Resultados de um programa de ensino para pais e responsáveis. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva, 8*, 58-78.

Del Prette, A. & Del Prette, Z.A.P. (2002). Psicologia das relações interpessoais: Vivências para o trabalho em grupo. Petrópolis: Vozes.

Dishion, T. J. & Patterson, G. R. (1992). Age effects in parent training outcome. *Behavior Therapy, 23*, 719-729.

Fonseca, H. (2004). Abordagem Sistêmica em Saúde dos Adolescentes e suas Famílias. *Adolescência & Saúde*, *1*, 6-11.

Galera, S.A.F. & Luis, M.A.V. (2002). Principais conceitos da abordagem sistêmica em cuidados de enfermagem ao indivíduo e sua família. *Esc Enferm, 36*, 141-147.

Gomide, P.I.C. (2006). Inventário de Estilos Parentais. Modelo teórico: Manual de aplicação, apuração e interpretação. Petrópolis: Vozes.

Mac Mahon, J. R. Treinamento de Pais. Em M. D. Claudino, L. S. Jacob , M. O. Prata & V. Santos, (2002). Tradução organizada por Marta Donila Claudino. São Paulo: Santos. (Trabalho Original publicado em 1996).

Marturano, E. M. (1999). Recursos do ambiente familiar e dificuldades de aprendizagem na escola. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 15,* 135-142.

Pinheiro, M. I. S., Haase, V. G., Del Prette, A., Amarante, C. L. D & Del Prette, Z. A. P. (2006). Treinamento de Habilidades So-

ciais e educativas para Pais de crianças com problemas de Comportamento. Psicologia: Reflexão e Crítica, 19, 407-414.

Pontes, T. N. R. (2009). A aprendizagem de habilidades sociais e controle de ansiedade: Estudo de um caso clínico. Estudos, 36, 209-233.

Salvador, A. P. V. & Weber, L. N. D. (2005). Práticas Educativas parentais: Um estudo comparativo da interação familiar de dois adolescentes distintos. Interação em Psicologia, 9, 341-353.

Silva, A. T. B., Del Prette, A. & Del Prette Z. A. P. (2000). Relacionamento Pais-Filhos: Um programa de desenvolvimento interpessoal em grupo. Psicologia Escolar e Educacional, 3, 203-215.

Skinner, B. F. (2003). Ciência e comportamento humano. Tradução organizada por J. C. Todorov e R. Azzi. São Paulo: Martins Fontes. (trabalho original publicado em 1979).

Teixeira, F. C. (2010) Avaliação da eficácia de um programa para ensinar pais a analisar e sistematizar comportamentos na interação com seus filhos. Tese de doutorado, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis-SC.

Wagner, A., Carpenedo, C., Melo, L. P. de & Silveira, P. G. (2005). Estratégias de comunicação familiar: A perspectiva dos filhos adolescentes. Psicologia: Reflexão e Crítica, 18, 277-282.

Wagner, A., Ribeiro, L. S., Arteche, A. X. & Bornholdt, E. A. (1999). Configuração Familiar e o bem estar psicológico dos adolescentes. Disponível em: http://www.ufrgs.br/relacoesfamiliares/Artigos/configuracao%20familiar%20e%20o%20bemestar%20psicologico%20dos%20adolescentes.pdf Recuperado em setembro (2012).

Weber, L. N. D., Prado, P. M., Viezzer, A. P. & Brandenburg, O. J. (2004). Identificação de Estilos Parentais: O Ponto de Vista dos Pais e dos Filhos. *Psicologia: Reflexão* e Crítica*, 17*, 323-331.

Webster-Stratton, C. (1994). Advancing videotape parent training: A comparison study. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 62*, 583-593.

Recebido em 4 de junho de 2013
Avaliado em 10 de abril de 2014
Aceito em 15 de abril de 2015